

CIVISMO

Quando a Providência encaminhou os meus passos para a Universidade de Lovaina, na Bélgica, ia com todos os defeitos duma educação exaltada. Lutador por natureza, habituara-me já, como todos os bons portugueses, a vencer no campo das idéias com armas em nada adaptadas a semelhante luta. Logo que alguém pensava de maneira diferente, no meu espírito formava-se instintivamente a convicção de se tratar de pessoa menos inteligente ou, pelo menos, falheira de honestidade. A virtude, o saber, o bom-senso, a honestidade, a razão enfim, estava sempre do meu lado. Quando muito, se conhecia o adversário e lhe desvendava o carácter, a apreciação limitava-se a um... generoso acto de compaixão pela sua incapacidade.

Bem me tinham ensinado a famosa fórmula de Santo Agostinho: «destruí os erros, mas amai os homens». No meio das «amabilidades» da minha apreciação, nunca percebera que, afinal, só os amava em teoria.

E isto vinha desde miúdo. Fui um dia ao barbeiro cortar o cabelo, porque barba ainda não tinha. Enquanto esperava, um cavalheiro entretinha-se a «demonstrar» certo erro histórico muito apropriado a determinada propaganda. Não me contive. Puxando dos meus parcos conhecimentos históricos, interpelei o homem, e, em meia dúzia de palavras, destruí-lhe as afirmações. O meu contraditado ainda tentou reagir, mas não lho consenti, porque encetei rapidamente nova argumentação. Embrulhado pela minha desenvoltura, envergonhado pela figura de ignorante que estava fazendo, o pobre homem só encontrou esta resposta para me dar: «o menino ainda é muito novo para poder discutir comigo».

Calei-me. Mas apenas o homem saiu, começou logo a minha desforra. Com os que ficaram, comentei a fuga estratégica do meu contendor, e atrevi-me a cobri-lo de ridículo. Escusado será dizer que sai da barbearia como um triunfador, cheio de mim mesmo e orgulhoso da minha habilidade. E continuei assim. Talvez mais atrevido à medida que me ia sentindo homem e avançava nos estudos.

Foi, por isso, enorme o meu espanto quando, um dia na Bélgica, abrindo uma revista científica, deparei com uma polémica entre um chefe socialista e um sacerdote, professor universitário. Não me espantou a polémica, é claro. Espantou-me o tom em que era conduzida. Os pontos de vista eram totalmente opostos, e, quanto a mim, o chefe socialista oferecia admiravelmente o flanco para uma tunda mestra. Aquilo prestava-se mesmo para o deixar a escorrer sangue!

Mas não! O sábio professor começava por dispensar ao seu adversário as mais amáveis referências. E em toda a longa argumentação nem uma palavra só que o pudesse magoar. Com rara habilidade destruí-lha a argumentação. Mas com habilidade mais rara ainda — e então para mim, singular — deixava o adversário com a dignidade... intacta, ou talvez prestigiada.

Vim a verificar depois, com o decorrer dos tempos que aquilo não era tão raro como então supus. Regra geral, todos assim procediam.

E confirmei esta minha «descoberta» no Parlamento belga. Anunciara-se um largo debate contra o governo. Quis assistir.

Foi primeiro orador o então «leader» do partido socialista e actual Ministro dos Negócios estrangeiros

Spack. Fez um ataque cerrado ao governo, focando sobretudo o aspecto social, o desemprego e alguns baixos salários. Atacou em seguida o partido liberal pelos seus conceitos demasiado capitalista da economia. E, voltando-se depois para o sector católico, quando esperava ouvir da sua boca de socialista ateu um ataque mais cerrado ainda, prestou homenagem rasgada à lealdade e inteligência dos católicos sociais, «únicos que tinham compreendido os anseios da classe operária e sinceramente trabalhavam pela justiça social».

Quão longe estavam estas nobres atitudes da minha tão mesquinha educação cívica! Aproveitei a lição e fiz o propósito de contribuir, na medida das minhas possibilidades, para um levantamento do nível cívico da nossa educação.

Oferece-se agora a primeira oportunidade pública de trazer a minha contribuição para essa obra tão necessária. Sem este civismo, a democracia tão simpática aos nossos olhos cristãos, não poderá subsistir.

Nem sempre o tenho visto no actual momento político. Dum lado e doutro, a tentação para ridicularizar, amesquinhar, e até insultar o adversário, parece apresentar-se muito forte.

Nestes 20 anos, muito lucrou sem dúvida a Nação em civismo. Dum lado e doutro. Mas ainda temos muito que andar. Todo o esforço no sentido de conceder ao adversário honestidade, inteligência e lealdade só prestigiaria quem o faz. Lucra mais aquele que é educado, atencioso e amável do que outro que assim não procede, embora tenha maioria de razão ao seu lado.

Se queremos a democracia, tornemo-nos dignos dela pela nossa educação cívica. Sem ela, a democracia não poderá ser criadora de progressos, nem dignificadora da pessoa humana.

ABEL VARZIM.